



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Sessão de Comunicação “Educação Inclusiva - Estratégias e Recursos de Ensino”

AS MUDANÇAS NA FAMÍLIA BRASILEIRA E A NECESSIDADE DE INVESTIMENTO EM LITERATURA INFANTIL E DIVERSIDADE: OS CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM

Silvana Sousa de Mello Neves

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora

Rua Adailton Garcia, 79 casa 1, Bairro JK. CEP: 36070-320 Juiz de Fora – MG

Telefone: (32) 3235 9221

E-mail: mellosil@yahoo.com.br

Uma educação na perspectiva inclusiva como propõe o novo cenário da educação é o que todos almejamos. Para isso, necessitamos romper com padrões preestabelecidos que ainda vigoram, atendendo a todas as crianças em sua diversidade e/ou individualidade. É nesse sentido que entendemos que a literatura infantil pode e deve ser utilizada como mais uma estratégia da escola no processo de ensino-aprendizagem da diversidade humana.

É nossa intenção com o presente texto auxiliar, através das discussões que se seguem, a prática profissional docente numa perspectiva inclusiva, dando-lhes subsídios para repensar suas experiências profissionais no que tange ao trabalho com a literatura em sala de aula.

A literatura infantil, reproduzindo o cenário da vida cotidiana, apresenta muitos dos valores que norteiam a nossa sociedade, ajudando-nos na compreensão do mundo que nos cerca, podendo funcionar tanto como mecanismo de manutenção de sentidos quanto de ruptura com os mesmos. Apresenta, assim, os sentidos dados à diversidade humana em diferentes épocas e contextos históricos. Entendemos que a questão da diversidade abrange a discussão sobre as minorias que são excluídas socialmente, por apresentarem condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras diferentes dos padrões estabelecidos socialmente.

Nesta perspectiva, o presente trabalho, que resultou de uma monografia de conclusão de curso de graduação em Pedagogia, teve como objetivo desvelar os sentidos dos/nos contos de fadas dos Irmãos Grimm, clássicos da literatura infantil, sobre a diversidade, pois entendemos, dentro da perspectiva francesa de Análise de Discurso (AD), que os livros de literatura infantil, em sua totalidade, englobando histórias e imagens, são discursos.

Para falarmos de literatura infantil, devemos nos remeter aos seus primórdios, porém deixamos o aprofundamento do assunto para os estudiosos que se debruçaram em analisá-la historicamente. Aqui, nos detemos apenas em sintetizar alguns acontecimentos importantes, dando um vôo panorâmico sobre o assunto.

Apesar de o germe da literatura infantil encontrar-se no século XVII, conforme Amaral (1992), é efetivamente no século seguinte que ela encontrará seu florescimento.

Dialogando com Amaral (1992),

o termo literatura infantil engloba diferentes modalidades de texto: dos contos-de-fada, fábulas, contos maravilhosos, lendas, as histórias do cotidiano, as biografias ou momentos históricos romanceados, aos documentários e textos informativos. (p.132).

A literatura surge para reproduzir a ideologia dominante.

Com a ascensão da burguesia, ao findar o século XVIII, começa-se a dar mais atenção às tradições preservadas pelo povo: danças, canções, provérbios e credices, que ficaram conhecidos como Folclore. Também as narrativas, que durante séculos os pais contavam aos filhos para embalar o sono e entreter as crianças, tornaram-se alvos de pesquisas.

Segundo Dmarques¹: (1998)

A criança passa a ocupar um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (brinquedos), culturais (livro infantil) e novos ramos da ciência (pediatria, psicologia infantil, pedagogia) destinados exclusivamente aos indivíduos desta nova faixa etária, que recebeu atributos que a promoveram coletivamente, ao mesmo tempo em que lhe garantiram o status da inocência, fragilidade e dependência. (p.13).

Assim, a literatura consolidada como popular nasceu oralmente do domínio do mito, da lenda, do maravilhoso. Posteriormente, com o aperfeiçoamento da tipografia, expandiu-se a produção de livros e os gêneros literários.

Entretanto, as primeiras obras literárias surgiram na França, porém difundiu-se pela Inglaterra e posteriormente por toda a Europa, até atingir os diversos cantos do mundo todo.

Tomando novamente as palavras de Amaral (1992), “o crescimento do gênero é nítido no século XIX, quando coincide com a ‘descoberta da criança’.” (p. 127).

Até então, não se pensava, como se acredita hoje, que a criança tivesse sentimentos e personalidade. A criança era tida como um ser insignificante. De acordo com Ariès (1986),

tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a ‘juventude’ é a idade privilegiada do século XVII, a ‘infância’, do século XIX, e a ‘adolescência’, do século XX. (p.48).

No entanto, os primeiros textos infantis foram adaptações de textos escritos para os adultos e só posteriormente começou a germinar a idéia de literatura para as crianças.

No século XX, reconhecida como gênero literário, a literatura infantil tem como objetivo, segundo Amaral (1992), “instruir divertindo”, ou seja, vem através de histórias fantásticas fixar estereótipos humanos e veicular comportamentos exemplares.

¹ Como dialogaremos no decorrer do trabalho com três autores com o sobrenome MARQUES, Carlos Alberto Marques, Luciana Pacheco Marques e Daniela Ferreira Mendonça Marques, utilizaremos como estratégia de denominação: CMarques, LMarques e DMarques, respectivamente

Sendo assim, ainda no século XIX, mais precisamente em 1812, conforme DMarques (1992):

Os irmãos Grimm editam sua coleção de contos de fadas que pelo sucesso obtido, acabou convertendo-se num sinônimo de literatura para crianças. A partir disso, define-se os tipos de livros que mais agradam as crianças – histórias fantásticas, entre elas os Contos de Andersen (1883), Alice no país das maravilhas (1863) de Lewis Carrol, Pinóquio (1883) de Collodi, Peter Pan (1911) de James Barrie, entre outros. Ou histórias de aventuras, entre estes os livros de Júlio Verne (publicados a partir de 1863) e finalmente a apresentação de temas cotidianos, evitando-se a recorrência a temas fantásticos. (p.115).

O mundo conheceu, assim, uma das maiores coleções de contos de fadas, totalizando as 181 histórias, escritas em alemão, que foram reunidas pelos dois folcloristas em pesquisas feitas em livros antigos ou em contos ouvidos aqui e ali. Publicadas em várias edições, estas receberam o título *Kinder und Hausmärchen*², ou seja, os Contos das crianças e do lar.

Os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), nascidos em Hanau, Alemanha, destacaram-se como estudiosos da língua alemã, especialmente na literatura e filologia. Começaram a viajar muito a trabalho após a morte dos pais, tendo um desejo em comum: reunir a tradição oral alemã. Para tal, recolheram, diretamente da memória popular, as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas. Essas histórias foram posteriormente fixadas em textos pelos irmãos, encantando crianças de todo o mundo, perpetuando-se até os dias de hoje, pois estas funcionam e fascinam em todas as línguas e culturas.

Neste sentido, Mariano Jr., ao apresentar a obra *Contos de fada dos irmãos Grimm*, edição de 2000, diz:

Recolher e recontar foi o caminho escolhido pelos eruditos que se dedicaram a esse tipo de pesquisa. Entre eles, destaca-se a curiosa dupla dos irmãos filólogos Jacob e Wilhelm Grimm, estudiosos alemães, que produziram uma obra de imediata aceitação, não só em sua terra natal, como em todo o mundo civilizado. Autores respeitados, já haviam publicado diversos trabalhos que lhes granjearam sólido conceito como gramáticos e dicionaristas. Assim, houve alguma surpresa quando do surgimento de seu livro de contos populares infantis. Não que fosse inesperado o fato de ambos lidarem com esse tema. O que surpreendeu foi constatar que os dois renomados mestres não publicaram um relato vetusto e compenetrado de suas compilações, mas sim o reconto das velhas histórias tão conhecida de todos, numa linguagem amena e singela, praticamente a mesma utilizada pelos que costumavam contá-las ao pé do fogo ou à beira da cama.

² Fonte: <<http://www.lpm.com.br/lpm-po254.htm>>, consultado em: 17/07/03.

A escolha por estes autores se deu pelo fato de eles serem escritores clássicos e por terem contribuído com importantes contos de fadas, literalizando uma produção de natureza popular e de circulação oral (DMarques, 1998), que foram passados de geração em geração, estando presentes na contemporaneidade.

Os contos dos Grimm hoje chegam a 211, sendo uma das coletâneas mais famosas em todo o mundo, porém utilizaremos para tal análise a coletânea Contos de Fada³ que compila apenas noventa e nove contos, entre todos os que foram escritos, pois não encontramos nenhuma coletânea traduzida para o português englobando as obras originais.

Como analisar todas seria inviável no momento, nos deteremos apenas naqueles contados freqüentemente às nossas crianças. Tais contos foram escolhidos a partir de uma pesquisa na biblioteca do Centro de Formação de Professores da Gerência de Educação Básica de Juiz de Fora (MG), que fornece um número suficiente de livros para serem lidos por todos os alunos, auxiliando as aulas. As obras selecionadas fazem parte do acervo e são as que mais circulam entre os professores e alunos das escolas da rede municipal de ensino de Juiz de Fora.

Neste sentido, selecionamos entre os contos apenas sete deles, para melhor análise e aprofundamento do assunto. São estes o conto da **Cinderela**, que relata a história de uma princesa que era maltratada por sua madrasta e suas meio-irmãs, que um dia se casa com o homem mais cobiçado de todo o reino, o príncipe; o da **Bela Adormecida**, que conta a história de uma princesa que foi enfeitiçada por uma bruxa invejosa e condenada a dormir por muito anos; o conto da **Branca de Neve**, que fugindo das maldades de sua madrasta vai para a floresta onde encontra os sete anões⁴; o conto de **O Rei sapo ou Henrique de ferro**, que conta a história de um príncipe que enfeitiçado por uma bruxa virou sapo e só retornaria a ser príncipe com a ajuda de uma princesinha; o de **João e Maria**, história de dois irmãos que foram abandonados na floresta pelo próprio pai, incentivado pela madrasta; o da **Rapunzel**, história de uma princesa que fora criada por uma bruxa e trancafiada numa torre onde só se podia entrar dependurando-se por suas longas tranças, até que um dia encontra seu príncipe; e, o conto de **Chapeuzinho**

³ Ver GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos de fada*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

⁴ Vale ressaltar que originalmente quem escreveu este conto foi Charles Perrault (1628 - 1703), outro grande escritor contemporâneo, porém os irmãos Grimm modificaram seu final, reescrevendo a história.

Vermelho, uma menina amada por todos, que, ao levar bolo e vinho para sua vovozinha, é engolida pelo lobo mau, sendo salva por um valente caçador. Todos estes, fazem parte de uma coletânea de contos originalmente escritos pelos Grimm, porém vale ressaltar que sabemos que algumas das histórias, hoje, foram reescritas e possuem adaptações.

Pretendendo compreender os discursos sobre a diversidade veiculados nestes contos, optamos pela investigação de abordagem qualitativa, tendo, como estratégia de análise, a Análise de Discurso (AD), na perspectiva francesa.

Tivemos como referência, para tal análise, o trabalho de Orlandi (1990, 1992, 1993, 1996, 1998, 2000), no qual, compreender, de acordo com ela (1993, 1996), é explicitar o modo como o discurso produz sentidos, ou seja, considerar o funcionamento do discurso na produção de sentidos, explicitando o mecanismo ideológico que o sustenta. O caminho para a compreensão do texto é se relacionar com os diferentes processos de significação que nele ocorrem, sendo tais processos função da historicidade, ou seja, história do sujeito e do sentido.

Para Orlandi (1996, p. 56), “*o objetivo da AD é compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, sendo ele concebido enquanto objeto lingüístico-histórico*”.

Orlandi (1993, 1996) afirma a heterogeneidade do discurso, caracterizado pela dispersão dos textos e do sujeito, sendo este último afetado pela ideologia.

Assim, o texto, atravessado por diferentes posições do sujeito, corresponde a várias formações discursivas, que se caracterizam pelas diferentes relações estabelecidas com a ideologia.

Conforme Orlandi (1993, p. 58): “*A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e o que deve ser dito.*”

As formações ideológicas se referem ao conjunto de atitudes e representações das posições de classes em conflito umas com as outras. Neste sentido, cumpre ressaltar que o sujeito se apropria da linguagem no interior de um movimento social, em que se vê refletida sua interpelação feita pela ideologia.

Uma formação discursiva divide o espaço discursivo com outras formações discursivas, numa constante interpenetração de sentidos oriundos de formações ideológicas diferentes.

A formação discursiva representa, pois, o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade.

Até hoje, segundo pesquisas na área, encontramos três formações ideológicas referente à questão da diversidade: a de exclusão, que coloca o sujeito como “desviante”, tendo como referencial a dicotomia normalidade X anormalidade; a de integração, que considera o sujeito como “diferente”, tendo como referencial um determinado padrão social, constituindo um movimento dessa formação ideológica da exclusão em direção a uma formação ideológica inclusiva; e, por último, a formação ideológica da inclusão, que implica pensar uma sociedade sem referenciais determinados, pensar os sujeitos em sua “diversidade”, dentro de uma formação discursiva que tenha como pressuposto o fato de que os dados se constituem num determinado momento, são históricos, sociais, culturais, não existindo um referencial único, mas uma disposição para lidarmos com o dado e para considerarmos todas as possibilidades da vida.

Nosso procedimento foi o de compreender tudo o que compõe nosso corpus discursivo, constituído dos sete contos de fadas escritos pelos irmãos Grimm.

Durante a leitura e análise dos contos, percebemos, primeiramente, que as coisas fantásticas perpassavam e faziam parte de todos os contos. Assim, era comum encontrarmos coisas do tipo: a casa da bruxa feita de doce, no conto de João e Maria; os cem anos em que a Bela Adormecida e todos que viviam em seu reino, inclusive os animais e os insetos, dormiram; as correntes colocadas em torno do coração do fiel Henrique, no conto “O Rei sapo ou Henrique de ferro”, para que este não arrebetasse de tanta tristeza ao ver o príncipe, a quem servia, ser transformado em sapo; ou o caçador que, ao cortar cuidadosamente a barriga do lobo, encontra Chapeuzinho Vermelho e sua avó vivas, são exemplos disso.

Ao analisar tais contos encontramos contemplada, na maioria deles, a questão dos ensinamentos morais, ou seja, as normas de conduta e as punições sofridas por quem as desobedecer. Isto se fundamenta, já que a literatura infantil, inicialmente, tinha como finalidade transmissão de valores, sobretudo morais.

Segundo Barros (2003)

a moral é por si mesma uma prática enquanto totalidade de leis incondicionais e absolutas de acordo com as quais os homens devem agir. [...] Neste sentido, nenhuma condição pode levar o homem a uma realização diferente da ordenada, o que significaria a negação da moral (p.48).

e, assim sendo, as histórias trazem seus castigos temporários para tais ações, como o que acontece no conto de Chapeuzinho Vermelho, que, ao desobedecer as ordens de sua mãe, é engolida pelo lobo; porém, se arrepende, no final, dizendo que sua atitude não se repetirá: “Foi uma alegria para todos três. O caçador tirou a pele do lobo e levou-a para casa, a avó comeu o bolo e bebeu o vinho que a neta trouxera, e Chapeuzinho Vermelho, muito alegre por ter escapado, prometia a si mesma: “*De agora em diante, jamais me afastarei do caminho, desobedecendo minha mãe*” (Grimm, 2000, p. 332-3).

Vázquez *apud* Barros (2003) afirma que Hegel concebe a moral “como fruto da relação dialética entre os indivíduos e a sociedade. Assim, os códigos morais têm caráter histórico-social” (p.48).

Tudo isto fica evidenciado nos trechos abaixo, como, por exemplo, no conto “O Rei sapo ou Henrique de Ferro”, quando o Rei, ao perceber que sua filha quebrou uma promessa, fez com que ela voltasse atrás, se redimindo por seu erro:

_ És tu, sapo, que estás falando? _ ela perguntou. _ Estou chorando porque perdi minha bola dourada, que caiu dentro da água.

_ Não chores _ disse o sapo. _ Posso ajudar-te, mas o que me darás se eu te devolver a bola?

_ O que quiseres, meu caro sapo _ prometeu a jovem princesa. _ Meus vestidos, minhas jóias, pedras preciosas e pérolas e até mesmo a coroa de ouro que estou usando.

_ Não me interessa por teus vestidos, tuas jóias, pedras preciosas, nem por tua coroa. Se, porém, gostares de mim e permitires que eu seja teu companheiro e jogue contigo, e sente em tua mesa, comendo em teu prato e bebendo em teu copo e dormindo em tua cama, nesse caso prometo que entrarei dentro da água e trarei de novo tua bola dourada.

_ Está bem! _ disse a princesa. _ Prometo-me tudo que desejas, se trouxeres minha bola de novo.

Enquanto falava, porém, ia pensando: “Que sapo bobo falando dessa maneira! A única coisa que ele faz é ficar no meio da água com os outros sapos a coaxar. Não pode ser companheiro de um ser humano!”

Logo que ouviu a promessa, contudo, o sapo mergulhou de cabeça para baixo e pouco depois reapareceu, nadando com a bola dourada na boca e atirou-a à grama à margem do poço. A filha do Rei ficou satisfeítíssima e, mais do que depressa, agarrou a bola e saiu correndo.

[...]

No dia seguinte, quando ela estava sentada à mesa, em companhia do rei e de todos os cortesãos, comendo em seu prato de ouro, ouviu um ruído esquisito _esplach, esplach _ como se algum bicho estivesse subindo a escadaria de mármore. E, quando o ruído cessou, bateram na porta e gritaram:

_ Princesinha, princesinha, abre a porta para mim!

[...]

_ Ah, querido pai! Ontem, eu estava na floresta, sentada junto do poço e, quando fui jogar, deixei a bola cair dentro da água. E agora ele apareceu aqui e quer ficar comigo!

Nesse momento, o sapo tornou a bater na porta e cantou:

Princesinha, princesinha,

Abre a porta para mim!

Juraste ser boazinha,

E foi por isso que vim!

_ Se prometeste, tens de cumprir _ decidiu o Rei. _ Deixa-o entrar.(Grimm, 2000, p.91-92)

Encontramos nos contos, ainda, os estigmas relativos à culpa de caráter individual,

percebidos como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical (Goffman, 1988, p. 14)

e às abominações do corpo, as várias deformidades físicas, entre os três especificados pelo autor.

No caso do primeiro, podemos evidenciá-los em alguns trechos dos contos, como no caso do pai de Cinderela que ignora a própria filha:

_ Não tens outra filha?

_ Não _ disse o velho. _ Só há uma pobre coitada, suja e maltrapilha, que minha primeira mulher deixou, mas não é possível que ela seja a noiva. (Grimm, 2000, p. 26).

Quanto ao último, abominações do corpo, é manifestada sempre como punição ou suplício, ou seja, como um castigo corpóreo pelas transgressões às regras de conduta impostas socialmente.

Neste sentido, Foucault (1989, p.34), em seus estudos, já nos relatava sobre o suplício como: “*pena corporal, dolorosa [...] um fenômeno inexplicável à extensão da imaginação dos homens para a barbárie e a crueldade*”, predominante no século XVIII. E acrescentava ainda que os castigos corpóreos sinalizavam a justiça através da punição. O exemplo abaixo, extraído do conto da Cinderela, nos permite visualizar que esta era a idéia passada às novas gerações através das histórias orais:

Quando foi celebrado o casamento da jovem com o príncipe, as duas malvadas irmãs compareceram, dispostas a adular a Cinderela, a fim de gozarem de sua amizade e tirarem vantagem disso. Quando o casal de noivos entrou na igreja, a irmã mais velha se colocou à direita e a mais moça à esquerda, e os pombos arrancaram um olho de cada uma delas. Quando os noivos voltaram do altar, a irmã mais velha ficou à esquerda e a mais moça à direita, e os pombos arrancaram o outro olho de cada uma. E, assim, as duas irmãs foram castigadas por sua perversidade, ficando cegas o resto da vida. (grifo meu) (Grimm, 2000, p. 28)

Assim, as histórias de contos de fadas vêm perpetuando esse pensamento por todos estes séculos. Fazia-se então um paralelo com a “diferença” como sendo um castigo e que a pessoa estava sendo punida por algo que anteriormente fizera, que fugira dos padrões morais da época.

Neste sentido, os contos esperam de Deus, ou de divindades superiores, a realização dos desejos como acontece em Rapunzel: “*era uma vez um casal cujo maior desejo era ter um filho. Os anos iam se passando, e o filho não vinha. Afinal, a mulher ficou esperançosa de que Deus ouviria suas preces*” (Grimm, 2000, p.322). Enfim, as realizações sempre vêm de cima, provavelmente do céu, como evidenciamos em Cinderela, que realiza todos os seus desejos através dos pássaros que vivem em cima da árvore plantada sobre o túmulo de sua mãe:

Como não havia pessoa alguma em casa, Cinderela foi ao túmulo de sua mãe e, debaixo da aveleira gritou:

Sacode os ramos e faze assim

que ouro e prata caiam em mim.

E, sem demora, uma ave lançou-lhe do alto um vestido enfeitado de ouro e prata e sapatinhos bordados de seda e prata. Cinderela vestiu-se e calçou os sapatinhos rapidamente e foi para a festa no palácio (Grimm, 2000, p.23).

E é através de Deus ou da pureza dos animais que se estimula a boa conduta e previnem-se as punições.

A questão central, em torno da qual giram os contos, é no que se refere aos estereótipos, citados por Amaral (1998), na qual evidenciamos as três categorias bem-definidas: a do herói como a personificação do “bem”; a do vilão, como personificação do “mal” e, da vítima, como o “coitadinho”.

O herói é sempre aquele que salva a vítima, aquele que supera todos os perigos, vence todos os obstáculos e é sempre o vencedor. Comumente, este papel fica a cargo do príncipe. Como exemplo, citamos um trecho do conto *A Bela Adormecida*:

O príncipe avançou mais ainda, chegando à torre e abriu a porta do quarto onde se encontrava a Bela Adormecida. Tão bela, que ele não pôde dela afastar os olhos por um segundo, e curvando-se, beijou-a. A Bela Adormecida, logo que foi beijada, acordou, abriu os olhos e encarou o príncipe, com uma expressão de doçura e carinho.

Os dois desceram da torre, e o Rei e a Rainha e todos os cortesãos acordaram e olharam uns para os outros atônitos. Os cavalos relincharam e os cães latiram no pátio; os pombos acordaram no telhado e alcançaram vôo; o fogo na cozinha crepitou de novo e cozinhou a carne, a criada continuou a deparar a galinha e o cozinheiro acertou um tapa com toda a força na cabeça do menino (Grimm, 2000, p.252-3).

Já o vilão, ao contrário, é sempre aquele que faz às maldades, que carrega consigo os estereótipos e as características do “feio”, do amedrontado. É aquele em que os autores colocam sob seus ombros a responsabilidade de transgredir as regras e de receber a punição por tal ato no final das histórias. O papel do vilão é sempre dado às bruxas ou as madrastas, muito mencionadas nos contos. Como acontece no conto da *Branca de Neve*:

Passado um ano, o rei casou-se de novo. Sua segunda mulher era bela, mas ativa e orgulhosa, não admitia que nenhuma outra mulher fosse mais formosa do que ela. Tinha um espelho encantado, diante do qual ficava se contemplando horas seguidas e perguntava:

Dize a pura verdade, dize, espelho meu:

Há no mundo mulher mais bela do que eu?

E certo dia, o espelho respondeu:

Aqui neste quarto sois vós, com certeza.

Mas Branca da Neve possui mais beleza.

A rainha ficou lívida de raiva e de inveja. E, desde aquele momento, odiou Branca da Neve.

O ódio foi crescendo em seu coração de tal maneira que ela não teve mais sossego: noite e dia invejava a beleza da princesinha, revoltava-se de ser menos formosa do que ela, não se resignava de modo algum.

Afinal, um dia chamou um caçador e disse-lhe:

_ Leva a menina para a floresta, bem longe. Não suporto mais vê-la perto de mim. Mata-a e, como prova de que cumpriste a minha ordem, traze-me o seu pulmão e o seu fígado(Grimm, 2000, p. 359-60).

Por último, encontramos a vítima, que tem como característica própria a fragilidade, a beleza física e a esperança de sempre ser salva por seu herói. Esta geralmente é traduzida à imagem da princesa ou das crianças.

Tal característica pode ser exemplificada com o conto da Cinderela que foi encontrada e salva pelo príncipe no meio das cinzas, suja e desprotegida:

[...] _ Não é esta a que eu quero _ disse. _ Não tens outra filha?

_ Não _ disse o velho. _ Só há uma pobre coitada, suja e maltrapilha, que minha primeira mulher deixou, mas não é possível que ela seja a noiva.

O príncipe insistiu para que a mandassem chamar, mas a madrasta observou:

_ Ela é muito suja, não pode aparecer!

Diante, porém, da exigência do príncipe, Cinderela teve de aparecer. Primeiro, ela lavou as mãos e o rosto, depois se apresentou ao filho do Rei, que lhe entregou o sapato dourado. Ela se sentou em um tamborete, tirou do pé o tamarco e calçou o sapatinho dourado, com a maior facilidade. E, quando se levantou, e o príncipe encarou-a, reconhecendo a linda moça que dançara com ele e exclamou:

_ Esta é a noiva verdadeira!

A madrasta e suas filhas empalideceram de espanto e de ódio. O príncipe pôs a órfã em seu cavalo e partiu, levando-a (Grimm, 2000, p. 26-8).

Ainda na análise dos contos, pudemos encontrar uma mesma formação ideológica no que tange à questão da diversidade, a da manutenção de um modelo ideal de ser humano, onde não se admite a manifestação da diversidade humana, e sim se determinam os comportamentos e as atitudes a serem seguidas, bem como as punições ou recompensas vigentes na época em que foram recolhidos e recontados os contos.

No entanto, a formação ideológica encontrada nos discursos veiculados nos contos é a da exclusão, em que, os comportamentos que fogem do padrão aceitável são estigmatizados.

Concluiremos nossa análise tomando como ponto de partida os finais reservados às histórias: ... e viveram felizes para sempre. Como acontece com o conto da Bela

Adormecida que termina assim: “*E o casamento da princesa com o príncipe que a beijou após seu sono de cem anos, foi celebrado com a maior pompa, e o casal viveu feliz até o fim de seus dias*” (Grimm, 2000, p.252-3).

Todos os contos, sem exceção, têm um final feliz, onde geralmente o herói e a vítima terminam juntos e o vilão punido por sua perversidade. Assim, de história em história, nossas crianças vão tomando gosto pelos contos de fada e sonhando com seus príncipes e princesas encantadas, porém, na medida em que vão se tornando adultos, percebem que tudo não passa de fantasias e que a realidade, embora perpassa por “contos de fadas”, nem sempre tem um final feliz que dure para sempre. Todavia, os contos de fadas se perpetuam de geração em geração, por mobilizar em nós tão variados sentimentos: amor, carinho, angústia, medo, raiva... enfim, sentimentos reais que envolvem os seres humanos durante todas as fases da vida.

Vale ressaltar, ainda, que os contos perpetuam sentimentos e concepções que remetem ao outro, que é diferente do um. Desse modo, não podemos mais deixar que entre as crianças “o feio” apareça sempre como sendo o retrato da maldade, das coisas erradas e que deva ser evitado, ou que “o bonito” seja símbolo dos príncipes e das princesas encantadas almejadas por muitos, pois sabemos que isto não retrata a realidade. Na constituição de um mundo para todos, onde todos tenham espaço de livremente expressar seus sentimentos e de serem celebrados em sua diversidade, a literatura infantil deve se colocar a favor desta concepção, possibilitando o entendimento das diferenças no estabelecimento das relações, a aceitação da diversidade como um dado da natureza humana. No lugar do mesmo precisamos começar a contar o diverso; a trabalhar os contos na direção do outro, considerando o atual contexto de complexidade que se impõe.

Por outro lado, a escola numa perspectiva inclusiva pode aproveitar a literatura infantil como uma estratégia a mais no processo ensino-aprendizagem, refletindo-se sobre essa nova concepção de mundo que nos cerca, a que celebra a diversidade humana.

Sendo assim, as histórias poderão ser contadas: *Era outra vez.*

Referências Bibliográficas

AMARAL, Lígia Assumpção. *Espelho convexo: o corpo desviante no imaginário coletivo pela voz da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: 1992. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – USP.

_____. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Goppa. *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p.11-30.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARROS, Luciana Ribeiro. *As diferenças em dialogicidade no contexto escolar: um olhar sócio-histórico*. Juiz de Fora, 2003. 110p. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFJF.

FONSECA, Victor da. *Educação Especial*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos de fada*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

MARQUES, Daniela Ferreira Mendonça. *E o pintinho era quadrado: o conceito da deficiência nos livros infantis e as formas de percepção e participação das crianças frente ao tema*. Campinas, São Paulo: 1998. Monografia (Trabalho de conclusão de Curso de Pedagogia)- UNICAMP.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista*. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. *O que é lingüística*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção primeiros passos).

_____. *Discurso e leitura*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *As formas do silêncio*. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.